

(incidência de sífilis congênita, expressa em casos/1.000 nascidos vivos).

Resultados: A incidência nacional agregada para o período foi de 6,21 por 1.000 nascidos vivos. A mediana de incidências estaduais foi 4,95 (Quartis, 4,05-7,19). O Estado do Rio de Janeiro (incidência, 14,87/1.000) estava a mais de 3 desvios-padrão acima da incidência média, e por ser outlier foi excluído das análises posteriores. A incidência de sífilis congênita foi maior em locais com desigualdade de renda (Índice de Gini, RR = 1,032; IC95%, 1,032-1,034), percentagem de nascidos vivos com menos de 7 consultas maternas de pré-natal (RR = 1,013; IC95%, 1,012-1,014), taxa de incidência de aids (RR = 1,025; IC95%, 1,024-1,027) e Densidade Demográfica (RR = 1,001; IC95% = 1,001-1,001). Contraintuitivamente, houve também associação positiva com Renda Per Capita (RR = 1,030; IC95%, 1,027-1,033).

Conclusão: A incidência da sífilis congênita é associada a desigualdade social, incidência de aids e menor cobertura de pré-natal. Todos esses aspectos apontam direções para políticas públicas preventivas.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102618>

EP-193

PERCEPÇÕES A RESPEITO DE SUA VULNERABILIDADE À INFECÇÃO PELO HIV E À SÍFILIS DE PESSOAS ATENDIDAS EM UM AMBULATÓRIO MÉDICO DE ESPECIALIDADES

Pedro Eugênio Murer, Lenice Rosário Souza

Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, SP, Brasil

Introdução: A infecção pelo HIV/Aids e a sífilis são relevantes infecções sexualmente transmissíveis (IST), para as quais há estudos que comprovam a correlação entre elas.

Objetivo: Avaliar a percepção de risco em relação à infecção pelo HIV e à sífilis para promoção de melhor controle das mesmas no interior do estado de São Paulo.

Método: Estudo transversal observacional. Participaram, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, usuários do Ambulatório de Especialidades Médicas do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Botucatu, São Paulo, maiores de 18 anos, de agosto de 2021 a abril de 2022. A coleta de dados foi realizada pelo próprio pesquisador, por meio de entrevista semiestruturada, aos pacientes que compareceram às consultas médicas, independentemente da especialidade. Análise do questionário foi realizada pelo programa SAS for Windows por meio do estudo dos itens pela associação das respostas com as variáveis de interesse.

Resultados: Foram estudados 62 pacientes, dos quais, 45,16% eram homens, 53 relataram parceria sexual fixa, sendo que 60 tiveram até 5 parceiros e 2, de 6 a 10. Quanto ao uso de preservativos durante as relações sexuais, 41 nunca fazem uso, 10 sempre usam e 11 usam, às vezes. Os tipos de relações sem preservativos foram 50, vaginal, 20, oral e 7, anal. Nenhum participante relatou relação sexual sem uso de

preservativo com parceiro sabidamente infectado pelo HIV ou sífilis, ou que tivessem aceitado dinheiro, objetos de valor, drogas, moradia ou serviços em troca de sexo. Desses, 58 negaram sintomas relacionados à IST e não havia nenhuma gestante. Vinte e três indivíduos relataram uso de álcool ou outras drogas ilícitas antes das relações sexuais. Já realizaram testagem para pesquisa de HIV e sífilis, 35. Apresentaram percepção de risco às infecções, 41 indivíduos e 51 relataram conhecimento dos mecanismos de transmissão e as formas de prevenção contra as duas doenças.

Conclusão: Resultados preliminares indicam predomínio de pessoas que conhecem as doenças, mas não adotam medidas de prevenção, visto que, apenas 35 pessoas testaram para pesquisa desses agentes, ao menos uma vez, o que demonstra tranquilidade e desconhecimento frente à situação epidemiológica do estado de São Paulo. Aponta-se então a necessidade de políticas públicas que estimulem maior adesão às medidas de prevenção, bem como, estratégias para testagens mais acessíveis à população, que podem contribuir para o controle da transmissão desses agentes.

Ag. Financiadora: FAPESP.

Nr. Processo: 2021/08490-3.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2022.102619>

EP-194

SÍFILIS NA GESTANTE E RN - O QUE SABEM AS MÃES?

Marina Mercuri, Monica Moura, Lais Porto, Regina Succi

Faculdade São Leopoldo Mandic, Campinas, SP, Brasil

Introdução: A sífilis congênita é doença evitável que permanece problema de saúde pública mundial. Em 2020, Brasil registrou taxas/1.000 nascidos vivos (NV): 21,6 para gestantes com sífilis (SG) e 7,7 para sífilis congênita (SC).

Objetivo: Avaliar o conhecimento e a percepção sobre a SG e SC entre mulheres diagnosticadas com sífilis na gestação ou parto e admitidas para o parto em uma maternidade em Campinas (SP) no período de 01/04/2019 e 31/03/2020.

Método: Após aprovação do projeto no Comitê de Ética Institucional e assinatura de TCLE, um questionário foi aplicado às puérperas.

Resultados: No período do estudo foram registrados 12.301 NV e 208 SG (16,9 casos/1.000 NV). 200 puérperas aceitaram participar e responderam ao questionário – todas referiram ter feito acompanhamento pré-natal (PN) e apresentaram cartão da gestante e 32/200 (16%) referiram aborto anterior. 98,5% (197/200) das mães referiram ter feito o teste para sífilis na gestação, mas 62,5% (125/200) não receberam informações sobre a sua finalidade e 71/200 (35,5%) referiram não ter tido oportunidade de fazer perguntas sobre a doença ao seu médico. Apenas 127/200 (63,5%) dos parceiros fizeram o teste. 40% (80/200) mães desconheciam a doença “sífilis congênita”. 50/200 (25%) mulheres referiram não ter recebido informações sobre possíveis complicações da doença para elas ou seus